

# edifício Laranjeiras em Silves, Portugal

## em oito ideias soltas

Angelo Bucci

2018

---

### 1. um nome

O nome daquela árvore, quase extinta ainda no período colonial, cunharia um país inteiro. Brasil designava uma cor. Vermelho que, nesse caso, vem de brasa. É literal: brasil é fogo. Perigo para as florestas desde o início. De qualquer modo, a única nação no mundo cujo nome brotou de uma árvore. A contradição está explícita nas palavras. Tão óbvio que já não é fácil percebê-la sem escavar um pouco e atravessar o sentido mais recente desse nome. Viajar a Portugal tem muitos sabores, entre eles é especial a sensação que às vezes se experimenta de um passeio etimológico. Na zona oriental da Cidade do Porto há uma coleção de construções típicas, as casas feitas pelos ricos comerciantes portugueses a partir do século dezoito quando retornavam ao seu país após um período na colônia do continente americano. São conhecidas como ‘casas de brasileiros’. Sendo todos eles portugueses fica claro que brasileiro designava a ocupação dos seus bem-sucedidos proprietários. Eles vendiam pau-brasil.

O povo do país com nome da árvore seria conhecido pelo nome de um desmatador.

O paradoxo ilustra um aspecto recorrente da relação entre Brasil e Portugal desde a época em que navegadores e índios se defrontaram pela primeira vez.

### 2. duas abstrações

Foram justamente as grandes navegações que, além daquele encontro, marcaram o início do que chamamos, no âmbito da história geral, era moderna. Sobretudo no que diz respeito à nossa compreensão e apreensão estética e para a forma de ação que elas informam. Assim, moderno tem na sua origem o sentido de um mundo em expansão. Tardariam ainda quatro séculos, até que as perspectivas de transformação do mundo abertas pela revolução russa, inaugurassem a arquitetura moderna.

O que se quer destacar é o fato de que a arquitetura moderna está apoiada em dois deslocamentos que permitiram duas abstrações fundantes:

- a. o primeiro evento corresponde a um deslocamento de espaço, pois grandes navegações e descobrimentos puseram em foco o lugar em que não se estava, o novo mundo era um outro. Abstração do lugar.
- b. o segundo, corresponde a uma inversão cronológica; pois a revolução russa acabaria por transformar em pressuposto, como uma impensável categoria de ‘precedente histórico’, o próprio futuro. Abstração de tempo.

Essas duas abstrações correspondem a duas possíveis libertações. O sujeito pode se desvencilhar de tradições e privilégios cristalizados. É por essa razão que, para um arquiteto moderno, legado é também matéria de sua própria escolha. Ainda, por essa mesma trilha, faz sentido supor que a condição moderna corresponde a

uma abrangência do saber e das possibilidades. É como se se apresentasse, no momento da ação propositiva de um projeto, um achatamento do tempo e do espaço. A tal ponto que tudo o que foi construído no mundo em qualquer momento e em qualquer lugar, mesmo o tempo que ainda está por vir e os lugares onde nunca estivemos, se apresentassem — todos juntos e ao mesmo tempo — como possibilidades abertas a novas configurações.

### 3. Casa Granturismo

Nem Brasil, nem Portugal. Foi em Cambridge, Estados Unidos, que conheci o arquiteto português Ricardo Camacho. Na ocasião, 2008, ele fazia seu máster em Harvard quando me trouxe o convite para desenhar um dos edifícios em Silves, no Algarve. Naquela época, Ricardo acumulava duas atividades: seus estudos no GSD e a liderança do seu escritório em Portugal, o Casa Granturismo. Aquele escritório, por sua vez, teria dois papéis no empreendimento de Silves: além de projetistas do masterplan e alguns dos edifícios; seriam também os empreendedores daquele projeto.

Fundado em 2005, Casa Granturismo tinha então dois outros sócios. Nuno Jacinto, a quem Ricardo Camacho credita o início de uma relação duradoura com o GSD Harvard — onde na ocasião Nuno cursava o seu mestrado; o mesmo programa em que Ricardo se engajaria três anos depois —, e uma interlocução acadêmica sobre o projeto, que teve participação destacada dos professores Eve Blau e Ivan Rupnik. O terceiro sócio do grupo, Paulo André, aportaria os conceitos da geografia humana do português Orlando Ribeiro; as questões urbanas do arquiteto italiano Bernardo Secchi e a abordagem sobre o mundo mediterrâneo do historiador francês Fernand Braudel. Os três jovens sócios compunham um grupo motivado, bem informado e decidido a aproximar os valores da prática profissional e acadêmica. Engajados, queriam combater através da sua ação conjunta o que denominavam ‘aberrações arquitetônicas do mediterrâneo’. Tinham clareza sobre o que não queriam fazer. Embora essa recusa não lhes fornecesse uma resposta, ela funcionava como motivação. A empreitada de Silves os lançava na busca de uma configuração para uma resposta possível.

### 4. O masterplan de Silves, Algarve Portugal

Numa gleba de 39.120 m<sup>2</sup>, localizada junto ao limite oeste da cidade de Silves, o masterplan elaborado pelo Casa Granturismo previa a implantação de um conjunto construído que somava dezenove casas unifamiliares e quatro edifícios horizontais de apartamentos com áreas de comércio e serviços no piso térreo. Tinham a meta de reunir, a pretexto das demandas de projetos do plano, uma seleção de arquitetos de diferentes partes do mundo. Vinte e duas equipes de onze diferentes países foram convocadas. Estavam entre eles Hrvoje Njiric, da Croácia; Maurício Pezo e Sofia von Ellrichshausen, do Chile; Wonne Ickx, México; Dekleva Gregoric, Eslovênia; Atelier Bow Wow, Japão e Sasa Randic, Croácia.

O último dos escritórios convidados foi justamente o spbr, com o encargo de projetar o Edifício Laranjeiras, um dos quatro edifícios horizontais. Seria, contudo, o primeiro a ser construído.

### 5. Descrição do Edifício Laranjeiras

Seguindo as diretrizes do masterplan da Casa Granturismo, o edifício teria oitenta metros de comprimento e doze metros de largura, seu programa mesclava apartamentos nos dois andares superiores, comércio e serviços no andar térreo e garagem e depósitos no subsolo. Disposto no limite oeste da cidade, suas fachadas longitudinais leste e oeste estão voltadas para paisagens contrastantes: a cidade de Silves, tendo o castelo como pano de fundo a leste; e o campo com sua paisagem rural a oeste.

A estrutura, em concreto armado moldado in loco, apoia-se em onze empenas paralelas transversais, sucessivas e distanciadas entre si de oito metros. Elas se alternam entre paredes de fachada transversais; paredes de divisa entre apartamentos e vazios para circulação vertical. Cada uma destas paredes estruturais toca o chão em apenas dois pontos. Exceção às duas empenas nas fachadas que descem como plano em toda a sua seção central. Elas têm balanços que, embora modestos para a altura desta viga parede, surpreendem na escala do edifício. As lajes são todas planas, com enrijecimento no vão entre paredes de apoio feito com uma sutil variação na espessura, como uma dobradura no plano inferior sem quebrar a leitura de continuidade do plano.

Um aspecto que merece nota é o esquema de acessos aos apartamentos. Uma passarela elevada, acessível por rampa e escada, e disposta paralelamente ao edifício permite o acesso aos apartamentos através de cinco pontes. Cada uma dela acessa quatro unidades, sendo dois no primeiro andar e outros dois no segundo. São vinte apartamentos ao todo.

O térreo, dedicado a comércio e serviços, incrementa a condição urbana de apoio à vida cotidiana para equilibrar a condição de campo, a oeste, e a urbana, a leste.

## 6. Crise financeira em Portugal

O Edifício Laranjeira acabou a ser a única obra construída no empreendimento em Silves. A razão para isso foi a crise financeira que atingiu Portugal naquele período. Embora ela tenha iniciado já em 2008 com a nacionalização do Banco Português de Negócios, BPN, e logo em seguida com a falência do Banco Privado Português, BPP; seria apenas em 2011 que a crise se agravaria com a falência do BPN e a intervenção do FMI e do Banco Europeu no país.

Ainda que o edifício tenha sido todo realizado em plena crise, o efeito daquele momento econômico foi desastroso para o Casa Granturismo. Pois o empreendimento foi viabilizado pelo financiamento junto ao banco do estado, CGD, Caixa Geral de Depósito. A fato em si demonstra que, apesar das circunstâncias, os jovens empreendedores apostavam no sucesso, porque sabiam projetavam um cenário favorável na superação da crise num prazo mais ou menos coincidente com o final da obra. Não erraram no prognóstico, como se confirmou pelo interesse do mercado. Mas isso não se consumou. O que não previam era a inflexibilidade e incapacidade de diálogo da instituição financeira, pois as condições de preço de venda exigidas como mínimas pelo CGD ultrapassavam além daquilo que o próprio empreendedor projetara como razoável e, claro, fizeram com que o valor de venda extrapolasse a capacidade do mercado. Foi assim que, com o edifício pronto desde 2014 e sem acordo sobre os preços de venda, eles se viram impedidos de negociar as unidades de apartamentos e mesmo os lotes do empreendimento. Até que em 2016 declararam insolvência e finalmente em 2018 se consumou a transação com a transferência da propriedade para ao CGD.

Ainda hoje o Laranjeiras é um edifício a ocupar.

## 7. Globalização e o seu oposto

Aquele encontro em Cambridge, Estados Unidos, que se desdobrou num acordo para um edifício a ser construído em Silves, Portugal, e desenhado por um escritório de arquitetura de São Paulo, Brasil. Se não fosse pelo fato de que se deslocar no mundo tornou-se quase corriqueiro, e se não pela aglutinação profissional que se junta em torno de algumas instituições como aquela universidade; sem tais circunstâncias esse projeto talvez não acontecesse.

Mas o trânsito internacional que o mundo de hoje permite não precisa nos confundir.

É a partir de um contexto cultural definido que o sujeito aprende a ver o mundo, é esse ponto de observação

claramente localizado que situa a sua fala numa interlocução mais ampla e que lhe imprime um traço de identidade que não se dissolve e ganhar valor num contexto abrangente.

Não se trata de um limite, é apenas uma origem que não convém mascarar.

A atividade da arquitetura se vincula ao contexto cultural por tantas ramificações quantos são os saberes, as práticas e os meios que se convocam na sua imaginação, configuração de uma proposta, construção e seu uso. No limite esse enraizamento cultural se vincula a todos os saberes, grupos sociais e todos os setores produtivos.

Esse enraizamento profundo e extenso é trazido aqui à superfície para que a gente não se distraia: arquitetura pertence ao campo da cultura.

Esse traço merece atenção redobrada quando se atua em contextos deslocados, pois o risco de uma superficialidade cultural pode limitar ou até mesmo anular o valor simbólico e cultural de uma obra.

Então, por que projetar em Silves?

Antes de responder, vale considerar o seguinte.

Se a arquitetura vibra em sintonia com o campo da cultura, o conceito de globalização se fundamenta no campo oposto, o mundo dos negócios.

São forças — cultura e negócios — que atuam em direções opostas.

Na ação globalizada, o diálogo não tem interesse. Pois, para ela, a regra é imposta e o que escapa ao seu padrão é empecilho, por isso as nuances culturais significam apenas obstáculos a serem vencidos. Cada traço de identidade deve desaparecer e se generalizar numa categoria única, o mercado. Na ação globalizada a ação é vertical e vem de cima para baixo.

Por outro lado, para uma ação em vivo diálogo com as práticas culturais ocorre justamente o oposto. Aqui, todos os sinais se invertem e o contexto cultural deve ganhar voz, expressão própria. No campo da cultura, a ação é horizontal e vem sobretudo das bordas para o centro, como se tudo pudesse, num lapso, vibrar junto e em consonância.

Enquanto no mundo dos negócios o sucesso de um pressupõe o fracasso de tantos outros; no campo da cultura o sucesso de um abre um caminho generoso que convida os outros a percorrer e expandir.

Com efeito, a ação globalizada mobiliza fábulas para construir edifícios imensos e quase idênticos ainda que estejam em países com características culturais e climáticas completamente diferentes. Afinal, o seu propósito se consuma de imediato no mundo dos negócios. Há arquitetura ali? Se lhe parecer há algo ainda sobreviva ali, será preciso notar que ela está tão deformada, que sua ênfase lança âncoras no campo oposto daquilo que deveria constituir a essência da atividade. Os exemplos são recentes, tantos e tão visíveis. No Brasil, viu-se estádios da copa e Rio olímpico. Projetos tão cobiçados e resultados tão frustrantes.

A lembrança é absurda, mas necessária: o valor simbólico de uma obra de arquitetura vem do que ela realiza, ou seja, não pode precedê-la, não pode prescindir da própria obra.

Nesse cenário, o empenho àqueles pequenos encargos, ordinários, com a determinação de lhes conferir relevância e valor simbólico onde não se esperaria encontrar, isso parece corresponder melhor aos propósitos da arquitetura.

8. O diálogo: criar um possível que não seria num lugar nem no outro.

Silves significou uma valiosa oportunidade de diálogo, pressuposto fundamental para um processo de projeto engajado na construção de um consenso desejável, cristalizado num edifício, em que distintos interlocutores possam se reconhecer em relação de identidade. O nível de entendimento depende do repertório de cada um e da disposição dos interlocutores para o diálogo. A composição dos círculos de diálogo, ou seja, o grupo de interlocução e suas posições de fala no processo, definem o campo de possibilidades em que se armam as possíveis configurações ou proposições arquitetônicas.

Nesse sentido, quero crer que a minha participação nesse projeto em Silves tenha o sentido de um desenho que foi sendo delineado por uma sequência de diálogos e contribuições sucessivas de parte a parte em cada momento do processo. Inicialmente entre mim e Ricardo Camacho. Em seguida, pela participação do João Paulo Meirelles de Faria. E logo os diálogos tão profícuos com o engenheiro de estruturas Luís Correia, em Silves. Então, Tatiana Ozzetti; e também a equipe do Casa Granturismo Nuno Costa, Filipa Cabrita, Sara Arrobe, Filipa Almeida e Gilda Camacho. As atenções para o desempenho acústico, por Nuno Mateus, e sobre conforto e eficiência energética, por Miguel Ferreira, com seus rebatimentos em estrutura, na espessura de lajes, e sistemas construtivos. Depois, já na fase de obra, a colaboração efetiva de Thiago Natal Duarte e João Paulo Daolio.

Enfim, foi um diálogo entre duas tradições culturais e construtivas com riquíssimos entrelaçamentos construídos entre Brasil e Portugal ao longo de cinco séculos. Uma interlocução que teve o privilégio de compartilhar inclusive a mesma língua. Animada pelos almoços no Rui, a tradicional marisqueria de Silves.

A razão para aceitar o convite tão gentil do Ricardo para que desenhássemos esse projeto, além de tudo, está no entusiasmo de abrir possibilidade para que se pudesse construir algo que talvez não tivesse espaço no Brasil nem em Portugal.

Que o empenho de tanta gente possa ainda valer quando aqueles vinte apartamentos estiverem, finalmente, ocupados. Os terraços na cobertura ainda estão, como é hábito lá, à espera de uma boa sardinhada.

O maior valor da atividade da arquitetura é sua capacidade de construir casas para o que não poderia existir no mundo sem ela.